

Caminhando para uma nova cidadania: da comunidade local à cidadania Mundial

Não sou ateniense nem grego, mas cidadão do mundo.
Sócrates

Apesar das divergências, todos sonhamos com a felicidade e o bem-estar. Habitamo-nos a considerar os valores substantivos como universais. Acreditamos que para agir de forma verdadeiramente humana é necessário seguir a regra de ouro: "Faz aos outros o que gostarias que os outros te fizessem".

Contudo, ao olharmos para o mundo em que vivemos, a realidade é distinta: individualismo, desrespeito pela pessoa humana, arquipélagos comunitários, crise da cidadania mundial perpassada pela crise de valores, globalização económica, violência, visões unilaterais e falta de coesão social. Nunca o mundo viveu situações de insustentabilidade tão gritantes! Os últimos relatórios do PNUD e da FAO referem o aprofundamento das desigualdades e ineficácia das medidas contra a pobreza e a exclusão. Todos os dias vemos, ouvimos e vemos constantes violações dos direitos humanos.

É necessário reinventar um outro mundo em que os modos de vida promovam a ética da solidariedade, a justiça social e a dignidade da pessoa humana, ou seja, igualdade para viver e liberdade/responsabilidade para conviver. O III Fórum Social Mundial (2003) avançou com o conceito de "Cidadão do Mundo", não o confundindo com teses radicais (nem brandas) dos movimentos sociais. O cidadão do mundo é o cidadão público, num mundo que se transformou numa Aldeia Global? virtualmente, é um espaço pequeno e todos estão em qualquer lugar. O cidadão, dotado de informação e conhecimentos, é entendido como um sujeito capaz de influir no mundo e que faz do activismo uma parte do seu quotidiano. No Fórum nasce, verdadeiramente, o "Cidadão Público Mundial", que tem como principal bandeira a bandeira branca da Paz.

Tendo como cenário esta recontextualização, é imprescindível construir uma cidadania alicerçada no desenvolvimento da curiosidade científica e da coesão sociocultural, na melhoria do relacionamento entre pessoas e povos e na demonstração de respeito pelo outro e apreço pelos valores que têm como referência os direitos civis e políticos, económicos, sociais e culturais e ecológicos.

Isto exige uma cidadania de participação em que os cidadãos tenham mais poder de decisão através do processo aprofundado de democratização da sociedade, substituindo a tradicional cidadania feita de rituais e de delegação? uma cidadania mutilada, no dizer de Santos (1997). Assim, concordamos com Carneiro (2001) quando refere a necessidade de incluir algumas dimensões essenciais na construção da nova cidadania? cidadania democrática, cidadania social, cidadania intercultural, cidadania entre géneros, cidadania empresarial e ambiental.

Como temos vindo a afirmar noutros textos e contextos, esta cidadania deve emergir das comunidades de base. É no viver quotidiano na família, na escola, na empresa, na paróquia, na associação, no sindicato, etc., que as relações humanas se tornam significativas e se constrói a consciência colectiva. Além disso, é imprescindível uma parceria mundial entre os sectores público e privado? governos, fundações, empresas e cidadãos?, potenciando valores/saberes e poderes que promovam uma cidadania reflexiva e crítica local-global.